

AS INTERAÇÕES ESPACIAIS DAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS INDUSTRIAIS EM LONDRINA

The space interactions of micro and small industrial enterprises ins Londrina

Las interacciones espaciales de las micro y pequenas empresas industriales em Londrina

Thiago Bueno Saab¹

RESUMO

Este trabalho tem como escopo apresentar um debate teórico que trata das interações espaciais viabilizadas pelas Micro e Pequenas Empresas (MPE's) Industriais de Londrina, das quais devem ser analisadas à luz do conceito de Redes Geográficas. O objetivo geral deste trabalho é demonstrar as possíveis interações espaciais estabelecidas pelas micro e pequenas indústrias londrinenses. Para os objetivos específicos, os fitos do presente trabalho se estabelecem da seguinte maneira: Analisar brevemente os conceitos de rede geográfica e de interações espaciais; compreender quais são as características e os fatores que condicionam as interações espaciais, e por fim, desvendar quais são as interações espaciais forjadas pelas MPEs industriais londrinenses. Como procedimento metodológico, utiliza-se de uma classificação já existente para as MPE's, bem como adota-se como fonte primária o resultado das cinquenta e duas (52) entrevistas aplicadas pelo autor junto aos empresários das MPE's industriais em 2014. Por conseguinte, os resultados obtidos reforçam que as interações espaciais das MPEs industriais londrinenses ocorrem, principalmente na esfera produtiva, por meio de uma estreita relação com a capital paulista, não sendo notada com a mesma intensidade a presença da capital paranaense. Não obstante, conclui-se que esses dados podem ser explicados por fatores históricos, políticos, sociais e sumariamente econômicos.

Palavras-chave: Interações Espaciais; Redes Geográficas; MPE's; Londrina.

ABSTRACT

This work aims to present a theoretical debate that deals with the spatial interactions made viable by the Micro and Small Companies (MPE's) of Londrina, from which they should be analyzed in the light of the concept of Geographic Networks. The general objective of this work is to demonstrate the possible spatial interactions established by micro and small industries in Londrina. For the specific objectives, the goals of the present work are established as follows: Briefly analyze the concepts of geographic network and spatial interactions; To understand what are the characteristics and factors that condition spatial interactions, and finally, to uncover the spatial interactions forged by London industrial MPEs. As a methodological procedure, an already existing classification for MPEs is used, as well as adopting as a primary source the result

¹ Mestrado em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina – UEL.
E-mail: thiagobuenosaab@hotmail.com

of fifty-two (52) interviews applied by the author to entrepreneurs of industrial MPEs in 2014. Therefore, the results obtained reinforce that the spatial interactions of Londrina industrial MPEs occur mainly in the productive sphere through a close relationship with the capital of São Paulo, and the presence of the capital of Paraná is not as noticeable. Nevertheless, it can be concluded that these data can be explained by historical, political, social and summarily economic factors.

Keywords: Spatial Interactions; Geographic Networks; MPE's; Londrina.

RESUMEN

Este trabajo tiene como ámbito presentar un debate teórico que trata de las interacciones espaciales viabilizadas por las Micro y Pequeñas Empresas (MPE's) Industriales de Londrina, de las cuales deben analizarse a la luz del concepto de Redes Geográficas. El objetivo general de este trabajo es demostrar las posibles interacciones espaciales establecidas por las micro y pequeñas industrias de Londrina. Para los objetivos específicos, los hechos del presente trabajo se establecen de la siguiente manera: analizar brevemente los conceptos de red geográfica y de interacciones espaciales; comprender cuáles son las características y los factores que condicionan las interacciones espaciales, y por fin, de desvelar cuáles son las interacciones espaciales forjadas por las MPEs industriales de Londrina. Como procedimiento metodológico, se utiliza de una clasificación ya existente para las MPEs así como se adopta como fuente primaria el resultado de las cincuenta y dos (52) entrevistas realizadas por el autor junto a los empresarios de las MPEs industriales en 2014. Consecuentemente, los resultados obtenidos refuerzan que las interacciones espaciales de las MPEs industriales de Londrina ocurren, principalmente en la esfera productiva por medio de una estrecha relación con la capital del Estado de São Paulo no siendo notada con la misma intensidad la presencia de la capital del Estado de Paraná. No obstante, se concluye que estos datos pueden ser explicados por factores históricos, políticos, sociales y sumariamente económicos.

Palabras clave: Interacciones Espaciales; Redes Geográficas; MPE's; Londrina.

INTRODUÇÃO

Pretende-se neste trabalho realizar um debate teórico sobre as redes geográficas, as interações espaciais e o entrelaçamento destas com as micro e pequenas indústrias londrinenses (MPEs). Contudo, indica-se que não é o escopo do trabalho realizar um resgate conceitual muito profundo, mas objetiva-se levantar algumas notas para a discussão.

O objetivo geral deste trabalho é demonstrar as possíveis interações espaciais estabelecidas pelas micro e pequenas indústrias londrinenses. Para os objetivos específicos, os fitos do presente trabalho se estabelecem da seguinte maneira: Analisar brevemente os conceitos de rede geográfica e de interações espaciais; compreender quais são as características e os fatores que condicionam as interações espaciais, e por fim, desvendar quais são as interações espaciais forjadas pelas MPEs industriais londrinenses.

Como procedimento metodológico, utilizou-se como respaldo intelectual, algumas bibliografias de cunho teórico-conceitual que tenham vínculo com a temática estudada. Da teoria à empiria, servirá como base os dados obtidos por Saab (2014) na aplicação de cinquenta e dois (52) questionários junto aos micro e pequenos empresários londrinenses.

Este trabalho tem como recorte temporal o ano de 2014, e o recorte espacial é o município de Londrina. Ainda, este estudo está subdividido em duas partes: na primeira parte se encontra um resgate teórico dos conceitos de redes geográficas e das interações espaciais, e na segunda parte constrói-se as pontes para compreender as teorias em um cenário específico, o qual aponta as interações espaciais existentes nas MPEs londrinenses no ano de 2014.

2- AS REDES GEOGRÁFICAS E AS INTERAÇÕES ESPACIAIS.

Inicia-se esta discussão assinalando que para Corrêa (2013), as redes geográficas são redes sociais espacializadas, também se constituindo como sociais em virtude de serem construções humanas, elaboradas no âmbito de relações sociais de toda ordem, envolvendo poder e cooperação, além daquelas de outras esferas da vida.

Sobre o seu conteúdo e a estreita ligação que possui com a Geografia, baliza-se que,

Ela se torna geográfica quando nós a consideramos em sua espacialidade. A rede em tela está, de fato, espacializada, mas nem sempre a consideramos sob esse ângulo. A passagem de uma rede social para uma rede geográfica se dá quando assim a consideramos, a despeito de sua necessária espacialidade, expressa em localizações qualificadas, e com interações espaciais entre elas (CORRÊA, 2013, p.201).

No tocante às redes geográficas, cabe apontar que não faz parte do escopo do trabalho imergir sobre este conceito, de modo que, centrar-se-á na exposição teórica do que vem a ser as interações espaciais.

Corrêa (2013) afirma que a importância das redes para a geografia, como se tentará evidenciar, é enorme, pois é parte fundamental da espacialidade humana, contudo, é conveniente elucidar que entende-se por rede geográfica o conjunto de localizações humanas articuladas entre si por meio de vias e fluxos. Assim, ela constitui um caso particular de rede em geral, esta forma que advém da topologia.

Deste modo, o autor acima mencionado indica que existem algumas dimensões de análise para compreender as redes, tendo em vista que, as redes geográficas, como qualquer construção social, são passíveis de análise segundo diferentes dimensões. Sugerimos que três dimensões básicas e independentes entre si, cada uma delas incluindo temas pertinentes para

análises específicas, podem descrever a complexidade da rede geográfica: a organizacional, a temporal e a espacial, envolvendo a estrutura interna, o tempo e o espaço.

No que tange à dimensão organizacional, sugeriu-se que se considerassem os agentes sociais (Estado, empresas, instituições e grupos sociais), a origem (planejada ou espontânea), a natureza dos fluxos (mercadorias, pessoas, informações), a função (realização, suporte), a finalidade (dominação, acumulação, solidariedade), a existência (real, virtual), a construção (material, imaterial), a formalização (formal, informal) e a organicidade (hierárquica e complementaridade). A dimensão temporal, por sua vez, envolveria o conhecimento da duração (longa, curta), da velocidade dos fluxos (lenta, instantânea) e da frequência (permanente, periódica, ocasional). Finalmente, a dimensão espacial abrangeria o conhecimento da escala (local, regional, nacional, global), da forma espacial (solar, dendrítica, circuito, barreira) e das conexões (interna e externa) (CORRÊA, 2013, p. 205)

Desta maneira, alude-se que as redes possuem uma temporalidade e uma espacialidade, e que de maneira dialética, estão em constantes transformações. Porém, para o autor acima mencionado, a espacialidade, a qual qualifica uma rede social em termos geográficos, não distingue, no entanto, a rede geográfica de outras redes que se apresentam espacializadas. Assim, uma rede fluvial, constituída de nós ou confluências, e fluxos ou cursos de água, apresenta-se espacializada, originando uma bacia hidrográfica, todavia, esta não pode ser considerada como uma rede geográfica, pois na condição de rede fluvial, não possui a presença humana, sendo regulada por leis naturais, constitui rede da natureza, espacializada, mas não social.

Por conseguinte, especificamente sobre as redes que possuem uma natureza geográfica, exemplifica-se a subsequente constatação

As redes bancárias, de partidos políticos e dos diversos órgãos do Estado (ministério, delegacia regional, unidade local) constituem mais alguns tipos de redes geográficas, assim como as grandes corporações. Ressaltaremos aqui a mais significativa das redes geográficas, a rede urbana, definida pelo conjunto de centros urbanos articulados entre si. Considerada como uma síntese, se não de todas, de muitas e muitas redes geográficas cujos nós e fluxos específicos iniciam-se, finalizam ou passam pelas cidades – redes ferroviárias, de uma bacia leiteira, das dioceses, dos bancos, dos partidos políticos, dos órgãos públicos e das grandes corporações – a rede urbana pode, assim, ser vista como a rede-síntese das demais redes geográficas, sendo ela própria uma rede geográfica (CORRÊA, 2013, p. 204-205).

Neste ponto, as redes urbanas se tornam um ponto fulcral para esta análise, tendo em vista que são nelas que as interações espaciais ganham forma e sentido. Catelan (2012) assevera que nelas também ocorrem as articulações que reúnem o local e o global, não

necessariamente com esta direção vetorial, mas que podem ser compreendidas pelos fluxos que interligam as cidades e as redes.

Corrêa (2013) traz à cena um importante parâmetro para a análise das redes, o qual nomina como Teoria dos Grafos. Este oferece algumas medidas consideráveis para o estudo das redes geográficas, entre elas, os índices gama e alfa, que medem o grau de integração geral da rede, o primeiro indicando o percentual de ligações existentes em face do número máximo de ligações possíveis, e o segundo considerando a percentagem de circuitos em relação ao número máximo de circuitos possíveis.

Portanto, são levantados os valores relativos às interações entre os centros, sejam eles referentes a um número de chamadas telefônicas, de viagens de ônibus, de passageiros transportados, de migrantes, valor de vendas no varejo, transferência de matérias-primas entre indústrias etc. Desta maneira, a natureza da informação numérica é crucial para se definir que tipos de rede estamos analisando, se de lugares centrais, de centros industriais ou de outra natureza.

Assim, a partir de todos estes vieses anteriormente explicitados, é possível considerar que existem múltiplas formas e materializações para as redes geográficas. Na mesma seara, Corrêa (1997b) pontua a estreita relação existente entre as redes geográficas e as interações espaciais - outro conceito relevante para o presente artigo - como também assinala a necessidade de se compreender as interações espaciais no contexto das redes, pois é através de redes geográficas, isto é, localizações articuladas entre si por vias e fluxos, que as interações espaciais efetivamente se realizam a partir dos atributos das localizações e das possibilidades reais de se articularem entre si.

Assim, Cocco e Silveira (2010) traçam uma linha histórica para o entendimento da evolução temporal do que se nomeia como "interação espacial", e esses enfatizam que esta remonta à filosofia clássica e às diferentes correntes filosóficas que se desenvolveram ao longo da história. O primeiro filósofo a relacionar a causalidade à interação foi Platão, concebendo o aparecimento das coisas particulares como decorrentes da interação do “não ser” (matéria) com o “limite” (categoria platônica que expressa a limitação matemática).

Mais adiante, Godoy, Castro e Alves (2014) apregoam que Ullman também faz um resgate da concepção hartshorniana sobre a diferenciação de áreas, e propõe mudanças para melhor condizer com a aplicação do termo no estudo e análise dos fenômenos espaciais. O teórico acima mencionado cunhou o termo “complementaridade”, ao qual definiu como sendo uma complementação funcional entre regiões separadas, ou seja, duas regiões articuladas através

de funções complementares a cada uma, assim, fazendo-as dependentes através da necessidade diferencial entre os espaços.

De tal modo, os mesmos autores apontam que Ullman classificou sua abordagem na forma de interações espaciais, pois notou que o próprio sentido da palavra “interações” correspondia a uma noção de “reciprocidade”, denotada de “ação e movimento”. Não obstante, se faz mister assinalar que essa noção de reciprocidade era assimétrica, dando diferenciação da velocidade e intensidade dos movimentos de um lugar para outro.

Entretanto, há de se fazer um adendo de maior pertinência, haja vista que as interpretações sobre as interações espaciais advindas da Matemática, Física e da Economia, desconsideram o caráter dialético existente nas interações, acarretando em leituras estanques sobre estas. Em tom de advertência, Corrêa (1997b) informa que as interações espaciais devem ser vistas como parte integrante da existência (e reprodução) e do processo de transformação social, e não como puros e simples deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação no espaço.

Portanto, Cocco e Silveira (2010) advogam que para a construção de uma nova abordagem acerca das interações espaciais, que supere a visão clássica a ela atribuída de simples deslocamento, é necessário relacionar a natureza transformadora e dialética das interações ao espaço geográfico. O contato entre elementos espaciais diferentes, combinados através do transporte, possibilita o surgimento de uma característica nova e superior às formações materiais que interagem, reforçando seu caráter dialético.

Para os autores supracitados, no capitalismo, estas interações se dão segundo interesses hegemônicos de valorização, conformando desigualdades entre setores econômicos, ramos de atividades e espaços, distorcendo as próprias interações que os alimentam. No espaço da cidade, tais processos se chocam e se combinam, manifestando um conflito de frações de capital incumbidas de estruturar este espaço, valorizando-se retroativamente em alguns momentos e manifestando antagonismos em outros.

Catão, Reolon, Miyazaki (2010) reconhecem que a noção de interações espaciais que orientou a formulação do termo foi forjada, inicialmente, com base no estudo dos fluxos de mercadorias, porém, também se reconhece que a interdependência entre duas ou mais áreas geográficas pode ser caracterizada em função do movimento de bens diversos, passageiros, migrantes, dinheiro, informação, idéias, etc.

E estes autores indicam que,

De acordo com *The Dictionary of human geography*, Ullman apresenta três idéias básicas que sustentariam a verificabilidade de interações espaciais: 1) a idéia de complementaridade, que seria relativa ao caráter das áreas ou regiões; 2) de transferibilidade, relativa ao caráter das mercadorias; e 3) de oportunidades

interpostas, que indicaria a existência próxima de fontes de matérias-primas ou do mercado consumidor (CATÃO; REOLON; MIYAZAKI; 2010, p.33).

Na visão destes, as interações são constituídas pelos diferentes fluxos ligados às relações comerciais, movimentos casa-trabalho, difusão de informações etc. Já para Corrêa (1997b) as interações espaciais constituem um amplo e complexo conjunto de deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação sobre o espaço geográfico. Podem apresentar maior ou menor intensidade, variar segundo a frequência de ocorrência e, conforme a distância e direção, caracterizar-se por diversos propósitos e se realizar através de diversos meios e velocidade.

Com esta visão, engendra-se uma ruptura conceitual, pois considera-se nesta perspectiva o caráter mutável das interações e da dialética existente nestas, compreendendo que:

Essa perspectiva traz uma abordagem abrangente a respeito das interações espaciais, uma vez que considera a amplitude e a complexidade dos deslocamentos. Considerando a dinâmica da sociedade, atenta-se para as intenções e interesses que exercem influência nos deslocamentos e levam à variação de intensidade, frequência, velocidade, distância e direção. Tais características nos remetem ao fato de que as interações espaciais são caracterizadas por especificidades e desigualdades. (CATÃO; REOLON; MIYAZAKI, 2010, p.234)

Assim, para os autores supracitados em cada contexto histórico e regional, um conjunto específico de variáveis influenciará na configuração e na dinâmica das interações espaciais. Já quanto à desigualdade, cabe ressaltar que na sociedade capitalista nem todos têm acesso às modernas técnicas de transporte e comunicação, por exemplo, tornando determinados tipos de fluxos cada vez mais seletivos e excludentes.

Contudo, ressalta-se também que os diferentes tipos de deslocamentos que configuram as interações espaciais não são considerados de forma isolada, pois, dependendo do fenômeno ou processo analisado, verifica-se uma articulação de diversos tipos de fluxos. No que versa sobre as espacialidades e as temporalidades existentes nas interações espaciais, as quais denotam a dialética do processo, Corrêa (1997a) indica que estas refletem as diferenças de lugares face às necessidades historicamente identificadas e caracterizam-se preponderantemente por uma assimetria, ou seja, por relações que tendem a favorecer um lugar em detrimento de outro, ampliando as diferenças já existentes, fruto da própria divisão territorial do trabalho.

Godoy, Castro e Alves (2014) lembram outra face que as interações possuem, a qual advém dos movimentos de articulações e vivências sociais, de modo que as formas criadas a partir desse conjunto de interações tendem a fomentar redes articuladas por funcionalidades e fluxos assimétricos. Tais funcionalidades podem ser vistas como base para a produção dos

demais componentes que se materializarão sobre o tecido territorial, criando meios para que a reprodução socioespacial ocorra dinâmica e continuamente.

Para os mesmos autores, pode-se inferir que o motor propulsor desse processo, que produz formas e move os agentes em direção a sua própria reprodução e articulação espacial, é basicamente a economia. Desse modo, pode-se incitar que a forma, ou melhor, os caminhos por onde esses fluxos, relações e/ou interações, melhor dito, decorrem, são representados através de uma rede urbana

Catão, Reolon, Miyazaki (2010) reafirmam que vários aspectos podem influenciar a configuração e articulação desses padrões, que podem variar de acordo com as razões de natureza social, econômica, política e cultural. Cada conjunto de interações apresenta um comportamento que pode mudar em função das especificidades e propósitos dos fluxos: migrações por motivo de trabalho ou estudo, circulação de mercadorias e consumidores, deslocamentos para o lazer e recreação.

Deste modo, este padrão configura-se do seguinte modo:

[...] as diferentes interações presentes em diferentes momentos do ciclo de reprodução do capital: na circulação de investimentos, força de trabalho, meios de produção, publicidade, produtos industriais e lucro. Em cada momento, o conjunto de interações apresenta uma dinâmica diferente, alterando as direções, isolando alguns pontos e articulando outros, de acordo com as necessidades e demanda desse ciclo. (CATÃO; REOLON; MIYAZAKI; 2010, p. 236).

Conforme relatou-se, a mutabilidade está constantemente atrelada à própria constituição da rede geográfica, que por sinal, tal alteração tem desdobramentos em toda a sua cadeia de funcionamento. Desta forma, situadas em contexto socioespacial específico e singular, na próxima parte desta análise trabalha-se com as interações das MPEs industriais em Londrina no ano de 2014.

3- AS INTERAÇÕES ESPACIAIS DAS MICRO E PEQUENAS INDÚSTRIAS LONDRINENSES.

No atual estágio do capitalismo, conforme Santiago e França (2011) promulgam, os centros locais mantêm relações interurbanas com as demais cidades do seu entorno, bem como com as mais distantes que tem o poder de atrair fluxos longínquos em decorrência da presença de funções especializadas capazes de absorver fluxos de mercadorias, migratórios, informações e financeiros. É nesse emaranhado de interações interurbanas que se identifica a função urbana de cada componente dessa rede de relações cidadinas, permitindo delinear o nível de centralidade, a hierarquia e a área de influência desses nódulos urbanos.

Corrêa (2013) relembra o fato de que a produção está crescentemente organizada a partir de grandes corporações multifuncionais e multilocalizadas, podendo-se falar em uma rede geográfica de corporação. Em tempo, convém mencionar que não apenas estas empresas estão inseridas em uma rede, mas as pequenas empresas também possuem sua própria rede geográfica, as quais também se inserem em uma dada rede urbana.

Neste sentido, o mesmo autor pontua que há numerosos centros industriais produzindo aço, máquinas, tecidos, alimentos e confecções, por exemplo. Assim, estas especializações produtivas geram fluxos multidirecionados, cada um dotado de uma lógica própria que inclui mudanças direcionais.

Observou-se este fenômeno em Londrina, tendo em vista que com a industrialização da agricultura e a implantação do complexo agroindustrial, engendraram-se alterações na estrutura fundiária, no povoamento, na rede de circulação e na rede urbana, que teve o número de seus centros ampliados e uma redefinição da hierarquia urbana. As demandas da nova estrutura produtiva alteraram a natureza e a intensidade das interações espaciais, fazendo emergir uma nova rede urbana na qual as heranças do passado são relativamente pouco importantes.

Comprova-se a partir dos estudos realizados por Bragueto (1996) e (2007), Cesário (1981), e por Saab (2015), que em Londrina há a estreita ligação entre as heranças de modelos preexistentes com a estrutura fundiária e a industrialização da agricultura, e o tamanho médio das indústrias - estas das quais são originárias da reconversão de investimentos dos pequenos e médios estabelecimentos agrícolas após a geada negra e a crise do café em atividades urbanas, com ênfase para o setor de terciário, mas também com relevância para o setor secundário -.

Deste modo, no mundo que emerge do processo de industrialização, no qual se acentua a divisão social e territorial do trabalho e se ampliam as interações espaciais, cada centro urbano situa-se em inúmeras redes geográficas, desempenhando, em cada uma, papéis distintos, associados a distintas funções urbanas e espacialidades.

Sobre a configuração das empresas e a posição das sedes do poder decisório destas - para as grandes corporações-, vale indicar que estas se organizam do seguinte modo nas redes geográficas:

As múltiplas redes geográficas entrelaçadas recobrem toda a superfície terrestre. Das milhares delas, algumas são nitidamente de âmbito global, com centros e interações em dezenas de países, tendo Londres, Nova York e Tóquio como seus epicentros. Existem redes, contudo, que ao menos no plano formal, não apresentam uma dimensão global, situando-se em escala nacional ou regional. Mas apenas no plano formal, porque, em diversos graus, interconectam-se, originando uma única rede multifacetada, que sugere a metáfora do caleidoscópio (CORRÊA, 2013, p. 211).

Em tempo, a respeito da tênue relação estabelecida entre as redes geográficas e as indústrias, Corrêa (2013) sinaliza que as redes de múltiplos circuitos constituem o tipo mais complexo, as quais são típicas de áreas industrializadas, com elevado grau de urbanização e com uma divisão territorial do trabalho muito significativa. Na mesma perspectiva,

Os centros de rede diferenciam-se segundo a posição na hierarquia de lugares centrais e segundo as especializações produtivas que apresentam. Centros de mesma hierarquia podem apresentar especializações distintas, do mesmo modo que centros com a mesma especialização produtiva podem situar-se em níveis distintos da hierarquia urbana. As interações espaciais são, assim, multidirecionadas, não mais definidas pelo alcance espacial típico da distribuição varejista, mas por outras lógicas: a distância tem um sentido diferente em uma rede de múltiplos circuitos. As interações espaciais se entrecruzam, não se caracterizando por padrões sistemáticos, próprios das redes anteriormente descritas (CORRÊA, 2013, p.207).

Embora seja sabido, o esquema explicativo sobredito cabe principalmente para as grandes indústrias, e o mesmo vale para Corrêa (1992), contudo, aquele também é válido para explicar algumas relações existentes no nicho das micro e pequenas indústrias, as quais estão inseridas nas redes geográficas e possuem suas próprias interações espaciais.

A partir do que Corrêa (1997) mostra das diferentes dimensões de análise para a compreensão das interações espaciais, neste trabalho adotam-se os critérios de origem da matéria-prima, do mercado consumidor, e de possíveis rearranjos espaciais que estas indústrias possam realizar no futuro.

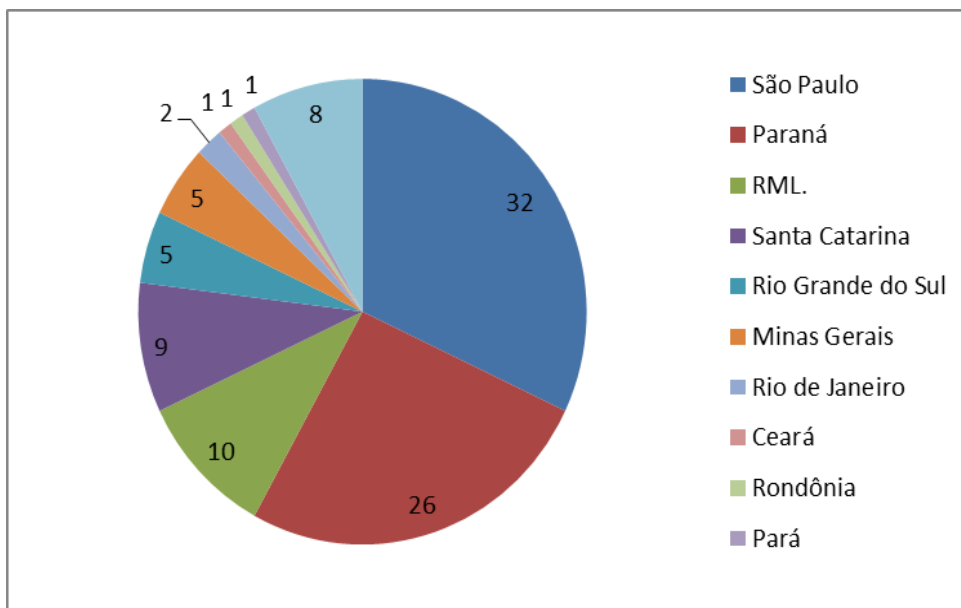
Desta forma, levando-se em consideração o que traduz a Figura 1, nota-se que as micro e pequenas indústrias londrinenses mantêm intensas interações espaciais com o estado de São Paulo, representando uma importante participação, tanto no que diz respeito à matéria-prima, quanto ao mercado consumidor da produção industrial londrinense. No tocante aos ramos estudados que alcançam os consumidores da capital paulista, estão o alimentício, o moveleiro e o têxtil, de modo que a mesma realidade se aplica aos que alcançam todo o território nacional.

Do estado do Paraná advém (26%) da matéria-prima utilizada pelas micro e pequenas indústrias londrinenses. Menos importantes, mas não desprezíveis, com percentuais que figuram entre 10% e 5%, se encontram a própria Região Metropolitana de Londrina, os estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e o Rio de Janeiro.

A respeito dos principais mercados consumidores (Figura 2), as interações espaciais adquirem um caráter mais nacional, lembrando também o peso do estado do Paraná neste cenário, já as interações com São Paulo são diminutas em relação às demais apresentadas. As respostas foram dadas de acordo com o nível de abrangência das vendas, constituindo-se da

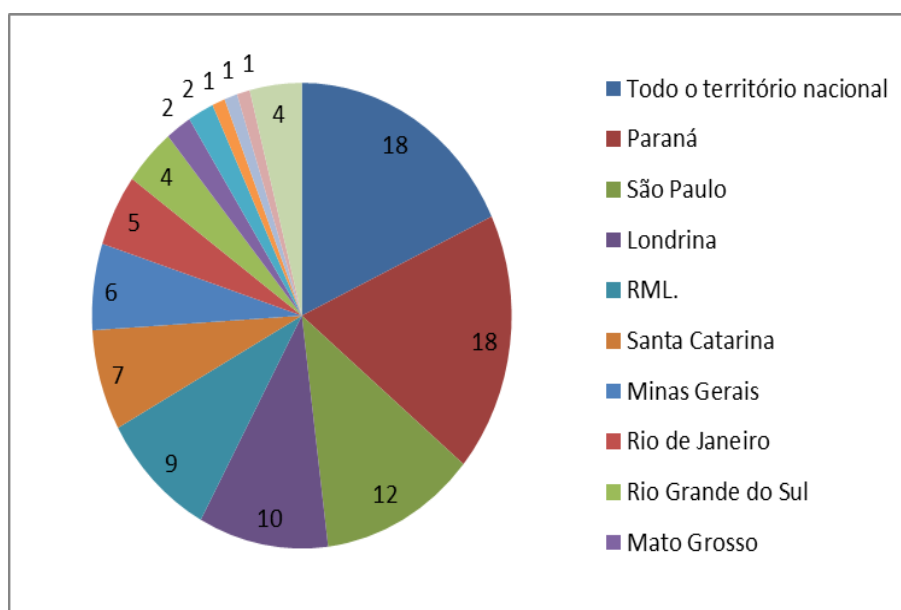
seguinte forma: 18% em todo o território nacional; 18% no Paraná; 11% em São Paulo; 10 % em Londrina; 9% na região metropolitana de Londrina; 7% em Santa Catarina; 6% em Minas Gerais; 5% no Rio de Janeiro; 4% no Rio Grande do Sul; 3% no mercado internacional (1% no Paraguai, 1% na Ásia e 1% na África); 2% no Mato Grosso e 2% no Mato Grosso do Sul; e 1% em cada estado (Bahia, Espírito Santo, Goiás e no Distrito Federal).

Figura 1 – Origem da matéria-prima utilizada nas indústrias (%).



Fonte: o autor, 2014.

Figura 2 – Mercado consumidor das indústrias (%).

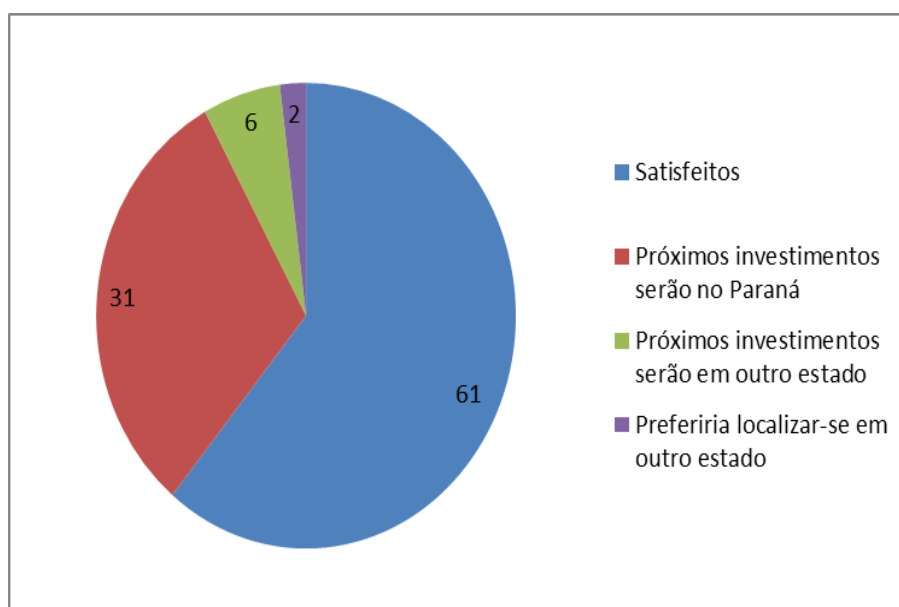


Fonte: o autor, 2014.

Quando perguntados sobre a expectativa da empresa em relação à localização (Figura 3), 61% disseram estar satisfeitos com a localização, 31% afirmaram que os próximos investimentos serão no Paraná (principalmente em outros municípios da RM de Londrina), 6% relatam que os próximos investimentos da empresa serão em outro estado e 2% expuseram que a empresa preferiria localizar-se em outro estado.

Assim, convencionou-se dizer que neste aspecto da análise, as interações espaciais intra-regionais e locais das micro e pequenas indústrias londrinenses tendem a ser reforçadas no futuro.

Figura 3 – Opinião dos entrevistados em relação à localização da empresa (%).



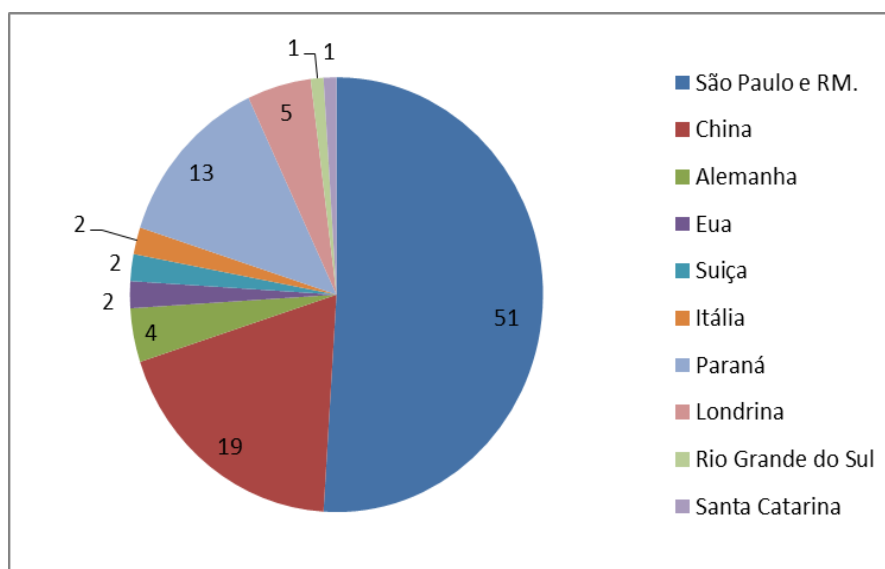
Fonte: o autor, 2014.

Os maquinários das indústrias - objeto das entrevistas -, têm a seguinte origem (Figura 4): 51% de São Paulo e região metropolitana; 29% importados (19% China, 4% Alemanha, e 2% dos EUA, 2% da Suíça e 2% da Itália); e 20% dos “Outros”, (13% do Paraná, 5% de Londrina, 1% do Rio Grande do Sul e 1% de Santa Catarina). Deste modo, reforça-se as interações espaciais mantidas com São Paulo e sua região metropolitana, bem como percebe-se um considerável processo de interação espacial de natureza internacional, com ênfase para a China. É importante mencionar também as interações com o Paraná e o próprio município.

Considerando as respostas das entrevistas, compreende-se que, apesar de as empresas serem de micro e pequeno porte, os ramos e os nichos a quem se destinam ultrapassam a escala nacional, alcançando a Ásia, a África, a Europa e os Estados Unidos. Em tempo, ratifica-se que as interações espaciais tecidas pelas MPEs industriais londrinenses e São Paulo podem ser

explicadas pelo fato de que no passado estava “[...] vinculada a rede urbana da metrópole paulista, ratificava as ligações econômicas e sociais que Londrina estabeleceu desde sua gênese, com São Paulo, o centro dinâmico da economia nacional” (FRESCA, 2014, p.124).

Figura 4 – Origem dos maquinários das indústrias (%).



Fonte: o autor, 2014.

Este fato supracitado diz respeito aos REGICs (Regiões de influência das cidades) que precederam ao de 1987, quando Londrina passa a estar inserida na rede urbana de Curitiba, e não mais na capital paulista. Todavia, Fresca (2014) também assevera que diversos estudos demonstram que as relações econômicas e sociais mais importantes são estabelecidas com São Paulo, enquanto com Curitiba as relações são mais políticas e administrativas, o que se comprova por meio do universo estudado de micro e pequenos industriais.

Por fim, também é oportuno frisar que, diante dos resultados encontrados, nos futuros estudos sobre a produção industrial, da produção do espaço, bem como da dinâmica industrial londrinense, deve ser levado em consideração o fato de que o município não pode mais ser estudado isoladamente, pois há claras trocas sinérgicas entre Londrina e os municípios mais próximos da região metropolitana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Silveira e Cocco (2010) advertem que sob o modo de produção capitalista, as interações espaciais ganham uma nova tônica, servindo exponencialmente à lógica de acumulação capitalista e manifestando desníveis nas trocas empreendidas (a teoria das trocas desiguais de

Marx), na medida em que se dão no contexto de uma divisão social e territorial do trabalho, com rebatimentos espaciais que manifestam profundas desigualdades em suas densidades de fluxos, em suas direções, padrões.

Deste modo, fica bastante claro o caráter espacial de algumas interações, isto é, mostra-se cabível a aplicação da noção de interações espaciais como um conceito geográfico. Assim sendo, pode-se aplicar este modelo explicativo para as interações espaciais às atividades industriais, não apenas às corporações - no imaginário social sendo reconhecidas por serem grandes e poderosas empresas -, como no caso apresentado por Corrêa (1992), mas também são válidas para às micro e pequenas empresas industriais.

Reafirma-se que as interações espaciais das MPEs industriais londrinenses percebidas pelo trabalho empírico, indicam o que Fresca (2014) aponta que a ligação na esfera produtiva tem uma estreita relação com a capital paulista, não sendo notada com a mesma intensidade a presença da capital paranaense.

Conclui-se assim, que estes fluxos materiais e imateriais engendrados pelas interações espaciais das indústrias sobreditas, as quais estão inseridas em inúmeras redes geográficas, permitem a compreensão de que estas interações não se cumprem aleatoriamente, mas são explicadas por fatores históricos, políticos, sociais e sumariamente econômicos, refletindo o caráter dialético e nada estanque deste processo.

REFERÊNCIAS.

BRAGUETO, C.R. **O Aglomerado Urbano-Industrial de Londrina**: sua constituição e dinâmica industrial. 2007, 266f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

_____. **A inserção da Microrregião Geográfica de Londrina na divisão territorial do trabalho**. 1996, 323f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – USP. São Paulo, 1996.

CATÃO, R. C.; REOLON, C. A.; MIYAZAKI, V. K. Interações Espaciais: uma reflexão temática. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 11, n. 35, p. 231-239, set. 2010.

CATELAN, M. J. **Heterarquia urbana**: interações espaciais interescares e cidades médias. 2012, 227 f. Tese (Doutorado em Geografia) UNESP - Presidente Prudente. Presidente Prudente, 2012.

CESÁRIO, A. C. C. **Industrialização e pequenos empresários em Londrina**.

Curitiba: Grafipar, 1981.

COCCO, R. G.; SILVEIRA, M. R. Interações espaciais, transporte público e estruturação do espaço urbano. **R. B. Estudos Urbanos e Regionais**, v. 12, n. 1, p. 63-81, maio. 2010

CORRÊA, R. L. Corporação, Práticas Espaciais e Gestão do Território. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 3, p. 115-122, jul/set, 1992

_____. Dimensões de Análise das Redes Geográficas. In: _____. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1997a. p. 107-118.

_____. Interações Espaciais. In: CASTRO, Iná Elias de.; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1997b. p. 279-318.

_____. Redes Geográficas: reflexões sobre um tema persistente. **Cidades**, Presidente Prudente, v.9, n.16, p. 199-218, 2013.

FRESCA, T. M. A centralidade de Londrina – PR na rede urbana brasileira: de centro regional ao nível submetropolitano. **Geografar** (UFPR), v. 9, p. 104-120, 2014.

GODOY, M.J; CASTRO, R.F de; DUTRA, F.A. As interações espaciais na configuração e produção dos arranjos funcionais das cidades médias. In: SIMPÓSIO MINEIRO DE GEOGRAFIA, 1., 2014, Alfenas. **Anais...** Alfenas: UNIFAL, 2014, p. 1033 - 1046.

SAAB, T.B. **As micro e pequenas empresas e a dinâmica industrial londrinense (1992-2011)**. 2014.127f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

_____. Industrialização do município de Londrina-PR: processo inicial e transformações recentes. **Geografar**. Curitiba, v.10, n.2, p.62-87, dez. 2015.

SANTIAGO, M. M. S; FRANÇA, V. L. S. Interações espaciais e socioeconômicas das cidades locais na rede urbana. **Revista Geográfica de América Central**, v.2, p. 1-9, 2011.